

ANAIS DO EVENTO

I FÓRUM DISCENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO FEF-UNICAMP
**PESQUISA E FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO (FEF-UNICAMP):
COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ORGANIZADORES

Maísa Ferreira
Alex Natalino Ribeiro
Simone Paiva
Danilo Ciaco Nunes
Mariane Borges
Rita Cristina Lanoux
Júlia Barreira Augusto
Daniel Augusto Pereira Tancredi

Realização

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP
REPRESENTAÇÃO DISCENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

I FÓRUM DISCENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO FEF-UNICAMP

2018

Tema central

PESQUISA E FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO DA FEF/UNICAMP: compartilhando experiências

Local

Faculdade de Educação e Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de
Campinas – UNICAMP

Data

24 e 25 de outubro de 2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca “Prof. Asdrubal Ferreira Batista”

F779 Fórum Discente de Pós-Graduação FEF-UNICAMP; (1.:
Campinas, SP).

Anais do I Fórum Discente de Pós-Graduação FEF-UNICAMP
/ organizadores Maísa Ferreira; Alex Natalino. – Campinas, SP:
FEF/UNICAMP, 2018.

35p.

1. Educação Física. 2. Pós-Graduação. 3. Formação
Profissional. I. Ferreira, Maísa. II. Natalino, Alex. III Fórum
Discente de Pós-Graduação FEF-UNICAMP. IV. Universidade
Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. V. Título.

613.7



ANAIS DO

I FÓRUM DISCENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO FEF-UNICAMP

Tema central

PESQUISA E FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO DA FEF/UNICAMP: compartilhando experiências

ORGANIZADORES

Maísa Ferreira
Alex Natalino Ribeiro
Simone Paiva
Danilo Ciaco Nunes
Mariane Borges
Rita Cristina Lanoux
Júlia Barreira Augusto
Daniel Augusto Pereira Tancredi

Comissão Organizadora

Coordenação Geral

Maísa Ferreira
Alex Natalino Ribeiro

Organização

Simone Paiva
Danilo Ciaco Nunes
Mariane Borges
Rita Cristina Lanoux
Júlia Barreira Augusto
Daniel Augusto Pereira Tancredi

Realização

Faculdade de Educação Física da Unicamp
Programa de Pós-graduação em Educação Física
da Unicamp
Representação Discente de Pós-Graduação FEF-
UNICAMP

Apoio

Coordenação de Extensão da FEF- Unicamp –
CODESP
Diretoria da FEF-Unicamp
Apoio Técnico Didático FEF-Unicamp

Website

Luís Filipe Mendonça Figueira
Edgar Banhense
Vítor Nicolau
Informática FEF-Unicamp



Apresentação

Desde 2017 através da representação discente de Fernanda Raffi Menegado (titular) e Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima (suplente) junto com a Comissão de Pós-Graduação (CPG) da Faculdade de Educação Física (FEF) – UNICAMP, tem se debatido Programa da Pós-Graduação entre os alunos. Esse fato se deu principalmente depois da pesquisa realizada sobre as disciplinas oferecidas pelos docentes do referido programa no período de 2007 a 2017. A partir dessa pesquisa, outros problemas também surgiram:

- Critérios sobre a bolsa de mestrado, doutorado e pós-doutorado;
- Avaliação das disciplinas oferecidas pela Pós-Graduação da FEF-UNICAMP;
- Falta de socialização entre e nas áreas de concentração: Educação Física e Sociedade, Biodinâmica do Movimento e Esporte e Atividade Física Adaptada;
- Processo de candidatura dos futuros representantes discentes da CPG;
- Falta de participação dos discentes nas decisões políticas referente ao programa de Pós-Graduação da FEF – UNICAMP.

Contudo, a partir da proposição, almejamos a organização de um evento acadêmico que pretende discutir entre os discentes algumas questões levantadas sobre o programa de Pós-Graduação da FEF-UNICAMP, e, também, dividir experiências dos discentes ao realizarem suas pesquisas. Enfim, qual é o papel dos discentes nas decisões no programa de Pós-Graduação da FEF-UNICAMP? Quais propostas os alunos apresentam para potencializar o programa? Além disso, quais situações/problemas/questões/sugestões os alunos gostariam de dividir com os colegas da pós-graduação referente a sua pesquisa que intensificará a formação acadêmica?

Para responder a estes questionamentos, a Faculdade de Educação Física da Unicamp, criada em 1985, foi constituída como um espaço institucional privilegiado e propositivo no campo das políticas públicas de educação, esporte e lazer, sobretudo, no âmbito da pesquisa e da pós-graduação. Por isso, nós discentes da pós-graduação da FEF-UNICAMP convidamos os alunos da pós-graduação FEF-UNICAMP para um debate entre as áreas de concentração sobre o lugar do discente dentro das decisões que permeiam a CPG da FEF-UNICAMP, e fomentar a socialização dos discentes a partir das apresentações orais das pesquisas.



Sumário

ORGANIZADORES	1
ORGANIZADORES	4
ÍNDICE REMISSIVO	8
Palestras.....	9
O FINANCIAMENTO DA PESQUISA NO BRASIL: O CONTEXTO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA E DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	9
REPRESENTAÇÃO DISCENTE: avaliação das disciplinas da Pós-Graduação	10
Comunicações Orais.....	11
QUE SÃO <i>VALORES</i> PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA: DELIMITANDO O CONCEITO, RECEANDO O LUGAR COMUM. OU NIETZSCHE FRENTE A VOLTAIRE E ROUSSEAU.	12
O PARADOXO ESTÁ EM JOGO: AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE A SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE FUTEBOL NA DÉCADA DE 1990	14
REDE NACIONAL DE TREINAMENTO: Entre o dito e o feito, os Jogos Olímpicos do Rio 2016 e suas promessas de legado	15
VANTAGENS E DESVANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS ONLINE EM PESQUISAS ACADÊMICAS: UMA EXPERIÊNCIA.....	17
FOTOGRAFIA E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	19
PESQUISA EM BASQUETE 3X3: DIFICULDADE NO RECRUTAMENTO DE VOLUNTÁRIOS	21
NOTAS SOBRE O CONCEITO E A IDEIA DE EXPERIÊNCIA E A NOÇÃO DE “EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA”: UMA SINGULAR REVISÃO CONCEITUAL.	23
MODELO SPLISS: CONCEITOS, APLICAÇÕES E POSSIBILIDADES	26
RETRATOS DAS DESCONTINUIDADES E POSSIBILIDADES	29
PARA ALÉM DA DICOTOMIA “TEORIA E PRÁTICA”	30
A GRANDE IMPRENSA COMO FONTE NOS ESTUDOS HISTÓRICOS DA	32
EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS, REFLEXÕES, POSSIBILIDADES	32
O FATOR COPA DO MUNDO NO PROJETO POLITICO DE PAÍS.....	35
OS DESAFIOS DA ENTREVISTA VIA SKYPE COMO FERRAMENTA PARA COLETA DE DADOS EM PESQUISAS ACADÊMICAS.....	36



ÍNDICE REMISSIVO

A

Alex Natalino Ribeiro, 1, 4, 5, 12

B

Bruna Rafaela Esporta Fernandes, 14
Bruno Modesto Silvestre, 9

C

Carlos Fabre Miranda, 15

D

Daniela Bento-Soares, 17
Danilo Ciaco Nunes, 19
Douglas Vinicius Carvalho Brasil, 21

F

Fernanda Raffi Menegaldo, 11

I

Igor Cavalcante Doi, 32

J

Júlia Barreira, 26

K

Kássia Mitally da Costa Carvalho, 29

L

Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima, 6, 11, 26

M

Maísa Ferreira, 30
Marina Boscarior, 30

R

Renan Felipe Correia, 12

S

Samuel Ribeiro dos Santos Neto, 32
Simone Gonçalves de Paiva, 35

T

Tabata Larissa Almeida Kikuti, 36



Palestras

O FINANCIAMENTO DA PESQUISA NO BRASIL: O CONTEXTO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA E DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Palestrante: Bruno Modesto Silvestre

Este resumo apresenta os principais eixos de discussão realizados na mesa de debate intitulada “O financiamento da pesquisa no Brasil: o contexto da Universidade Pública e da Pós-graduação em Educação Física” que ocorreu durante o I Fórum Discente de Pós-Graduação, no segundo semestre de 2018, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp).

A apresentação teve como objetivo discutir o (corte do) financiamento da pesquisa no Brasil e os impactos para a pesquisa em Educação Física. Para tal, esteve baseada na análise de documentos pertinentes à temática e contou com as lentes de leitura de duas abordagens do campo das políticas públicas: o método de análise de política social de Boschetti (2009) e a noção da dependência de trajetória (*Path Dependence*), oriunda da vertente do neoinstitucionalismo histórico.

Entende-se que as políticas públicas não devem ser avaliadas como fatos em si, mas sim como uma parte integrante de um todo, ou seja, não são apenas espaços de confrontação de tomadas de decisão, mas constituem elementos de um processo complexo e contraditório de regulação política e econômica das relações sociais (BOSCHETTI, 2009).

O Brasil e os demais países da América Latina recebem forte influência dos organismos internacionais, característica que, segundo Chesnais (1996), corrobora a nova conformação do capitalismo mundial e os mecanismos que comandam sua regulação e desempenho. Neste cenário, Paula (2005) aponta que as reformas recomendadas pelo “Consenso de Washington” e pelos organismos internacionais tornaram-se um parâmetro para os países latino-americanos e cumpriram um papel central na adesão desses Estados aos modelos liberais de reformas e de gestão pública.

Desse modo, a partir da década de 1990 o Estado brasileiro, orientado por políticas neoliberais e sob influência da ideologia gerencialista, deu início a uma série de “reformas” que buscaram adequar a sua estrutura e funcionamento à lógica do setor privado.

No que tange o campo educacional, Souza (1999) aponta os Organismos Internacionais, neste caso, o Banco Mundial, como proponente de políticas para educação tanto no Brasil como no estado de São Paulo. Em relação ao ensino superior, Lima (2011), traça uma análise das políticas promovidas pelo Banco Mundial dos anos 1990 até a primeira década do século XXI e as políticas públicas para o ensino superior no Brasil, em específico os pontos da assim chamada “reforma” universitária, oriundos do PL 7200/2006.

Em consonância com a lógica preconizada pelos organismos internacionais, uma série de “reformas” educacionais estão em curso no cenário brasileiro, como a Reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular, além da Emenda Constitucional 95, que congela os gastos públicos nas áreas sociais por um período de 20 anos.

No mesmo sentido, no ano de 2017, o Banco Mundial lança o documento intitulado “*A fair adjustment: efficiency and equity of public spending in Brazil*” que, em síntese, realiza uma crítica ao ensino superior público e gratuito no Brasil.



Neste cenário, vale destacar que o financiamento da pesquisa no Brasil sofreu uma série de reduções. No ano de 2015 o orçamento empenhado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) foi de 7.768.096.784 bilhões, já no ano de 2018 foi reduzido para 3.119.556.104 bilhões (SIGA BRASIL).

Tal realidade afeta a pesquisa como um todo, inclusive o número de bolsas para pesquisas a nível de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, vide os sucessivos anúncios de corte de bolsas das agências de pesquisa.

A pós-graduação em Educação Física conta com 34 mestrados acadêmicos, 2 mestrados profissionais e 21 cursos de doutorado (CAPES, 2017) e, assim como as demais áreas, é diretamente atingida pelos sucessivos cortes orçamentários.

Em suma, tendo em vista os projetos que colocam em xeque o caráter público da Universidade, os elementos de contingenciamento de verbas e a degradação dos serviços públicos como um todo, discutiu-se que a disputa política pelo financiamento público para a pesquisa – incluso as bolsas de estudos – deve estar atrelada a um projeto de uma Universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.



Palestrantes: Fernanda Raffi Menegaldo e Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima

No cenário da representação discente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp), uma das maiores dificuldades que permeia a atuação do representante é a baixa participação e, por vezes, a ausência do corpo discente nos espaços de discussões, reflexões e tomadas de decisão acerca de tópicos de interesse coletivo. Tendo em vista essa questão e, considerando um momento particular do Programa onde se discutia a reformulação e readequação de vários aspectos atrelados a proposta pedagógica vigente, o levantamento que é apresentado neste espaço de fala é referente a uma consulta aos alunos regulares, isto é, matriculados nesse programa a respeito das percepções sobre as disciplinas realizadas e também sobre a oferta das mesmas pelo Programa. Esse levantamento foi realizado por meio do preenchimento de um questionário *Google Forms* com questões abertas e fechadas, que foi enviado e respondido nos meses de junho e julho do ano de 2017. Dos 160 alunos matriculados no Programa na data mencionada, 64 discentes responderam o questionário, representando 40% do total dos estudantes. Simultaneamente, para análise dos questionários, foram consultados os Catálogos de Curso do Programa dos anos entre 2007 e 2017, o que possibilitou um levantamento das disciplinas ofertadas por área ao longo desse período. A partir da percepção dos discentes e da análise do catálogo do curso no período mencionado, observou-se que a oferta de disciplina no programa se mostrou pouco atrativa e irregular. Nesse sentido, observou-se uma gama de disciplinas previstas no catálogo sem oferecimento nos últimos dez anos do programa. Ademais, em relação a relevância das disciplinas oferecidas, os discentes do programa apontam a ausência da proximidade e contribuição destas para os próprios discentes e para suas pesquisas. Este fato, gera a necessidade e demanda de se cursar disciplinas em outros institutos ou até em outras instituições. Visto tal necessidade, a equivalência e a quantidade de créditos por disciplinas também se sobressaíram nas discussões. Tendo em vista este cenário, aponta-se a necessidade de reformulação do catálogo de disciplinas, mantendo somente aquelas que vem sendo oferecidas com regularidade, e a possibilidade de reformulação da estrutura de créditos e disciplinas, com a criação, por exemplo, de disciplinas comuns por área do programa. Por fim, o objetivo central desta apresentação é a continuidade do diálogo e discussão entre os discentes acerca da estrutura pedagógica do programa para fortalecer possíveis propostas que possam ser integradas na reforma pedagógica prevista pelos docentes da instituição.

Comunicações Orais



QUE SÃO VALORES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA: DELIMITANDO O CONCEITO, RECEANDO O LUGAR COMUM. OU NIETZSCHE FRENTE A VOLTAIRE E ROUSSEAU

Autores: Alex Natalino Ribeiro; Renan Felipe Correia

Muito se fala que a Educação Física (EF), as atividades físicas, o esporte transmitem valores e isso, de certo modo, se constituindo como positivo, caracterizando e justificando a presença da EF no âmbito escolar ou, ainda, sendo argumento útil para legitimação de noções próprias do campo da EF, como por exemplo, a de *treinador educador*.

A presente comunicação pretende problematizar tal noção – quanto a transmissão de valores – buscando evidenciar, por uma perspectiva nietzschiana, o que são *valores* e, deste modo, perceber que a EF, quando os afirmam enquanto *valor* mesmo de sua prática, estaria mais próxima de uma crítica social (no sentido de observar a função da EF e do sujeito na sociedade) que fundamentar-se-ia em filósofos tais como Voltaire e Rousseau do que de uma reivindicação de emancipação ou mesmo a observação dos limites de uma educação moral (no sentido de potencializar a formação do sujeito – do humano) ancorada em filósofos como Nietzsche – vale lembrar que esta aproximação se dá por inferência de nossa análise e, por isso, de modo arbitrário e não pelos posicionamentos teóricos metodológicos daquelas e daqueles que, no campo da EF compreendem que parte do intuito-finalidade de suas práticas seja promover ou mesmo transmitir *valores*.

Ao contrário do que já ocorreu no campo da EF em decorrência de aproximações com outros campos acadêmicos-científicos como a pedagogia, antropologia, a sociologia e a história por exemplo, que promoveram um debate que hodiernamente pode ser compreendido como detentores de dada tradição em subcampos da EF, tais como, nos subcampos da EF Escolar, da História da EF e da Sociologia do Esporte, de mesmo modo, não podemos identificar tal tradição no pretense subcampo da Filosofia da EF. Partimos da noção de que a falta de tradição no debate entre o campo da EF com a filosofia – e por isso nossa noção de *pretense*, exceto quando busca-se um debate de cunho epistemológico no campo – implica que a pesquisa no campo da EF, muitas das vezes, eleja para a pesquisa e debate o uso de alguns conceitos de modo inapropriado ou mesmo incompleto. Neste sentido, compreendemos que lugares comuns se constituem frente a exegese da pesquisa acadêmica, reproduzindo discursos, ou regimes de verdade que, em uma análise pormenorizada, se mostram insustentáveis teórico-metodologicamente, principalmente, se levarmos em conta a bibliografia básica que haveria de sustentar aquelas afirmações que pretendem-se conceitos como, por exemplo, ao afirmarmos que a *Educação Física educa*, a fim de delimitar apropriadamente nossa proposição, haveria de nos ser exigido, claramente, expor qual noção de educação está aqui implicada; ao afirmarmos que a *Educação Física transmite valores* nos exigiria demonstrar o modo como compreendemos que esses valores são transmitidos e, talvez, ainda, de que modo tais valores interferem na educação ou mesmo no projeto pedagógico a que se pretende filiar – por exemplo: como pretender uma educação emancipatória ou questionadora ao passo que reivindica-se a transmissão de valores?

Neste sentido é que nos ancoramos em Nietzsche, quando este faz a crítica da sociedade europeia compreendendo que a moral – os valores – constituiu-se como delimitadora da potência humana. Potência que, para ele, em nossa perspectiva, não está circunscrita em uma noção de vida que se orienta a partir da possibilidade-exigência transcendente na qual, havemos



de empenharmo-nos em fazer agora o que nos beneficiará em uma vida futura, extraterrena. Pois, para o filósofo alemão a força emancipatória da vida está em reconhecer as amarras morais e o modo como nos condicionamos à valores compreendendo-os enquanto verdades ou, por assim dizer, diretrizes para a vida que se configuram como proibições e limites à ação humana – determinando vida como algo que deve ser, ela mesma, única para todos, enquanto destino.



O PARADOXO ESTÁ EM JOGO: AS REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE A SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA DE FUTEBOL NA DÉCADA DE 1990

Autora: Bruna Rafaela Esporta Fernandes

Apontar que o futebol feminino provocou e ainda provoca transformações no mundo das mulheres esportistas é percebê-lo como um dos mais importantes esportes para contextualizar uma história de resistência das mulheres. Compreender a trajetória inicial da seleção feminina nacional é permear como se delineavam as relações existentes entre homens e mulheres dentro do futebol, é enfatizar que esse meio se configurava como um campo de lutas por um espaço já demarcado. Discutir se a mídia impressa contribuiu ou não para consolidação dessa seleção é parte significativa para se fazer uma história das mulheres dentro desse esporte, é reconhecer também que as mulheres – jogadoras e praticantes de futebol – foram significadas e ressignificadas, tanto por elas mesmas quanto pela mídia. A década de 1990, reveladora de muitas transformações no Brasil, tinha nesse tipo de imprensa um dos maiores meios para exposição de seus esportes.

Construir então uma história desse esporte no Brasil a partir de um olhar direcionado à sua seleção nacional é uma tarefa provocadora em um ambiente que pouco cedeu e ainda pouco cede espaço às mulheres.

Nesse sentido, instigada por uma percepção de que o futebol feminino foi estabelecido na maioria das vezes com olhares suspeitos e representado de maneira questionável foi que este trabalho passou a ser tencionado. Percebeu-se nas primeiras buscas poucas obras destinadas a tratar prioritariamente da seleção brasileira feminina de futebol e tomá-la como objeto de estudo no campo da história do esporte em território nacional.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi problematizar a relevância da mídia na construção ou reverberação de representações sobre a prática esportiva de mulheres, tendo como ponto central a observação dos noticiários que envolviam a seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990. E, para atravessar esse percurso foi imprescindível buscar continuidades, rupturas, permissões e exclusões que as acompanharam nesse esporte. Abordou-se essa temática a partir da História Cultural, tomando como marco teórico o conceito de representação proposto por Roger Chartier. As fontes utilizadas para a realização deste trabalho consistem de periódicos publicados na década de 1990, obtidos por meio da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e de outros acervos e bases de dados eletrônicos.

Dessa maneira, é legítimo afirmar que a década de 1990 foi impulsionadora das mais variadas representações sobre as mulheres, o futebol feminino e sua seleção nacional, ainda que estereotipadas? Pode-se dizer que sim.

Afirmações e negações de certos tipos de mulheres, de feminino e masculino dentro do futebol, eram atestadas pela imprensa, reafirmadas por quem acompanhava a seleção feminina nacional, o futebol feminino, também pelas jogadoras e praticantes.



REDE NACIONAL DE TREINAMENTO: Entre o dito e o feito, os Jogos Olímpicos do Rio 2016 e suas promessas de legado

Autor: Carlos Fabre Miranda

Esta pesquisa busca investigar uma Política Pública de Esporte, elaborada pelo Ministério do Esporte em 2010 e que se apresentou como o principal “Legado Esportivo” dos Jogos Olímpicos realizados em 2016 no Rio de Janeiro: a Rede Nacional de Treinamento. Pretendemos entender a formulação, planejamento e o processo de implementação da Rede Nacional de Treinamento, que foi interrompido e as possíveis relações desta com o fomento ao esporte e seu lugar na política esportiva brasileira, assim como as relações com os Jogos Olímpicos. Buscaremos um foco na observação e análise do atletismo que foi o modelo na implementação desta política, buscando compreender seus avanços e relações com o esporte. Temos uma questão mais abrangente, que é: como está sendo a implementação do legado esportivo dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e como ele opera? Esta pergunta tomada de maneira ampliada, destaca que algumas questões mais específicas necessitam ser aprofundadas, buscando interpretações e análises de universos particulares. Não temos a pretensão de apontar qual deveria ser o caminho tomado pelas Políticas Públicas de Esporte no Brasil e sim compreender os elementos centrais nas escolhas tomadas até o momento e suas relações com o funcionamento do esporte. Temos a proposta de que ao se analisar a Rede Nacional de Treinamento, possamos ter elementos para entender quais escolhas foram tomadas e se possível, como elas foram tomadas em um momento histórico tão sensível como o que o Brasil passa em diversos aspectos. Assim apresentamos outras questões: O que levou o Estado Brasileiro (Ministério do Esporte) a criar a Rede Nacional de Treinamento? A Rede Nacional de Treinamento é um Legado Esportivo dos Jogos Olímpicos?

Além destas questões outras se fazem presentes, como a de buscar compreender o protagonismo do atletismo neste processo, observado inicialmente tanto no investimento feito na construção de pistas quanto na escolha de ser o modelo a ser adotado por esta política. Algumas questões recentes que de certa forma tangenciam o objeto central apresentam uma ruptura do convênio firmado entre o Ministério do Esporte com Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), que levaram entre outras consequências a renúncia do presidente da entidade. Com isto apresentamos que o contexto a ser estudado é turbulento, mas que podem ser relevantes e irão se fazer presentes neste estudo.

Outra questão que pretendemos nos debruçar é no entendimento do uso que a palavra “Rede” tem tomado nas ciências sociais, em especial na ciência política, e suas aproximações com a área da Educação Física, em especial no contexto do esporte. Aparentemente este conceito de Rede busca tentar construir as relações de interdependência, cada vez mais frequentes entre os distintos atores e agentes. O conceito de Rede também se apresenta na utilização e organização das estruturas que compõem o esporte entre estes os principais atores como clubes, federações, confederações e instâncias do poder público. Cabe salientar que recentemente o Ministério do Esporte tem utilizado o termo “Rede Nacional de Esporte” em ações vinculadas do poder público federal que são relacionados aos efeitos Jogos Olímpicos e seus desdobramentos. Sendo assim considerações sobre a Teoria das Redes e as Redes de Políticas Públicas (Policy Networks) parecem pertinentes e necessárias, buscando contribuir no entendimento da Rede Nacional de Treinamento.



Sobre a metodologia a ser utilizada na análise desta política pública, propomos a utilização da dependência de trajetória (*patch dependence*), buscando aprofundar conceitos que embasem e sustentem as argumentações no entendimento e descrição dos cursos específicos e das ações tomadas na implementação da Rede Nacional de Treinamento. Considerando que os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro foram o principal megaevento esportivo já realizado em nosso país e a sua realização e desdobramentos ocorrem em um contexto onde profundas mudanças são observadas no cenário esportivo em escala nacional e global, acreditamos que a dependência de trajetória é importante nesta análise.

Para a contextualização da dependência de trajetória enquanto escolha metodológica, algumas considerações iniciais sobre esta “ferramenta analítica para se entender a importância de sequências temporais e do desenvolvimento no tempo de eventos e processos sociais”, como definido por Bernardi (2002), parece ser importante contextualizar esta como pertencente ao institucionalismo histórico e este fazendo parte do chamado neo-institucionalismo.

Assim com a socialização deste trabalho ainda em andamento pretendemos colaborar com o desenvolvimento e entendimento da pós-graduação na FEF-Unicamp, em especial na área de concentração de Educação Física e Sociedade.



VANTAGENS E DESVANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS ONLINE EM PESQUISAS ACADÊMICAS: UMA EXPERIÊNCIA

Autora: Daniela Bento-Soares

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma reflexão a respeito do uso de questionários online em pesquisas acadêmicas. Esta temática parte da utilização deste instrumento de pesquisa em nossa pesquisa de Doutorado desenvolvida na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, denominada “Formação Profissional na Ginástica para Todos: Programas Internacionais e Perspectivas para o Brasil”.

Este estudo fundamenta-se na pesquisa qualitativa aplicada do tipo exploratória e descritiva (TRIVIÑOS, 1987) e tem como objetivo primário analisar os programas federativos internacionais de formação profissional em Ginástica para Todos, tendo como foco as estratégias pedagógicas adotadas. A pesquisa foi dividida em duas etapas, por sua vez divididas em duas partes. Os questionários online foram utilizados na fase relacionada ao objetivo secundário que se propõe a mapear e descrever os programas de formação de treinadores(as) de Ginástica para Todos oferecidos por Federações Nacionais de Ginástica.

Para participar da pesquisa, foi convidado todo o universo composto pelas Federações Nacionais de Ginástica afiliadas à Federação Internacional de Ginástica em janeiro de 2016, composto por 131 instituições. O contato foi realizado por endereço eletrônico, por essa ser uma via de acesso fácil em grande parte dos países e permitir a transmissão de informações em diferentes idiomas. Além disso, o mesmo é disponibilizado no site oficial da Federações Nacionais de Ginástica, o que permitiu os convites para a pesquisa. O contato inicial constituiu-se de um convite formal para participação na pesquisa e foi realizado nos idiomas Inglês, Francês, Espanhol e Português, seguidos dos *links* para o instrumento de pesquisa nos mesmos idiomas. Após seis meses, foram obtidas 44 respostas ao instrumento de pesquisa.

Para o alcance do objetivo desta fase da pesquisa, utilizou-se de um questionário padronizado, com questões abertas e fechadas. Segundo Laville e Dione (1999), os questionários permitem alcançar rápida e simultaneamente um grande número de pessoas, uma vez que não é necessária a presença do pesquisador para sua resposta. Além disso, a uniformização das questões assegura que os participantes compreendam-nas da mesma forma, o que facilita a compilação e a comparação das respostas escolhidas (LAVILLE; DIONE, 1999). Optou-se pela utilização de questionários online, por ser essa uma pesquisa de abrangência internacional. Esses instrumentos foram hospedados na Plataforma *Google Forms*, a qual gera automaticamente um *link* para um site (URL) para compartilhamento (STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016). Os questionários online têm crescido em pesquisas do mundo todo (EVANS; MATHUR; 2005; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016). Tal veiculação possui vantagens e desvantagens, referentes ao acesso à Internet e a impessoalidade proveniente da distância entre pesquisador e participantes.

Entre as vantagens que verificamos na utilização dos questionários *online*, podemos destacar a facilidade de se utilizar diferentes idiomas, a oportunidade de participação de pessoas de diferentes localidades, a conveniência de horários e locais para participação da pesquisa e o custo baixo de administração. Tais vantagens observadas foram primordiais na escolha desse instrumento frente a utilização de entrevistas, pois tais benefícios não são possíveis com esse tipo de instrumento.

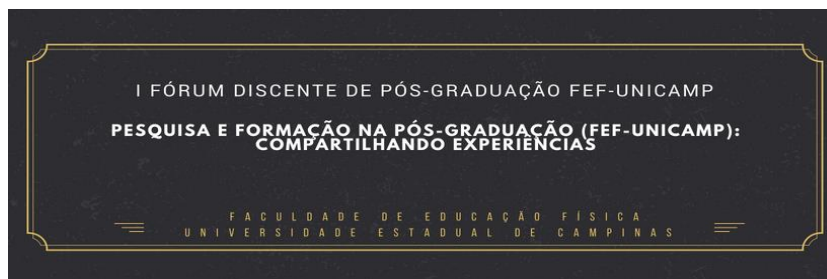


Assim como o contato por e-mail, os questionários foram disponibilizados em quatro idiomas, o que facilitou a participação de diferentes países. Os questionários em Espanhol e em Francês foram respondidos cinco vezes, em Português, quatro e em Inglês, 30 vezes. O alcance global foi o aspecto mais valorizado, pela característica da amostra; a velocidade de contato com os participantes também foi ponto decisivo para a utilização do instrumento, pois assim evitou-se a demora e os custos de um possível contato por Correio. A conveniência em responder ao instrumento a qualquer hora foi fator importante e proporcionou o encaminhamento do *link* do questionário a outros membros das Federações Nacionais de Ginástica pelos profissionais contatados, aumentando a fidedignidade das respostas. Por último, o fato de ser obrigatório responder as questões assinaladas permitiu que todos os questionários respondidos fossem válidos.

Da mesma forma, observamos aspectos negativos da utilização dos questionários *online*. Um desses aspectos é a possibilidade de os e-mails de convite terem sido direcionados automaticamente pelos provedores de e-mails às pastas de lixo eletrônico, camuflando a não participação de convidados como opção pessoal. Além disso, as pessoas convidadas podem não utilizar mais o e-mail utilizado, não sendo contatadas. Dessa forma, a utilização de contato eletrônico, ao mesmo tempo em que permitiu a abrangência da pesquisa a todos os países da amostra, também constituiu uma limitação do estudo.

A variação de tecnologia, um dos aspectos negativos da utilização de questionários online apontados por Evans e Mathur (2005), foi constatada em dois contatos. Os participantes convidados da China e do Afeganistão requisitaram o instrumento de pesquisa em formato *Word*, pois seus países não permitem a utilização de plataformas *Google*.

Por fim, esperamos com essa comunicação discutir com outros(as) pesquisadores(as) a utilização desses instrumentos, enriquecendo nossas opiniões sobre essa decisão metodológica.



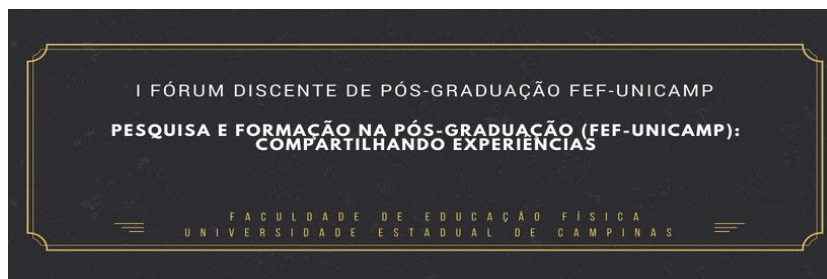
FOTOGRAFIA E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Autor: Danilo Ciaco Nunes

As práticas culturais pictóricas como meio de dominar e sublinhar a realidade se apresentam desde a pré-história, mesmo sob perspectivas naturalistas e imitativas¹ não se pretendiam simples propostas decorativas, já se mostravam desdobramentos associados ao desenvolvimento das fases superiores de desenvolvimento do ser social², até que essas manifestações passaram a se utilizar de símbolos e abstrações, conduzindo os processos de intelectualização e racionalização dessas práticas, transformando profundamente a constituição interna do humano primitivo. As transformações econômicas, sociais e culturais que acompanharam a revolução industrial, permitiram uma nova forma de escrita, a escrita com a luz, a fotografia. Suas alterações que transitaram do domínio econômico da técnica pela elite econômica do período, passando pela incorporação do uso pelo estado, ao colecionismo e enfim a popularização da própria produção das imagens, não só marca o período contemporâneo da história da cultura visual como atribui as imagens o caráter de “espetáculo”³ onde a representação, no limite, se oferece com experiência real da vida, oferecendo uma, ainda pouco utilizada, fonte de informações aos estudos sociais. O objetivo deste ensaio é apresentar e debater algumas experiências e possibilidades do uso de fotografia nas pesquisas das áreas da educação física. Um primeiro trabalho em destaque é a dissertação de mestrado de Roberta H. V. Tojal (2002)⁴, a autora estabelece um diálogo antropológico a partir de seu trabalho de registro fotográfico da imagem dos arqueiros nos X e XI Jogos dos Povos Indígenas as identidades culturais e a comunicação entre essas culturas a partir dessa expressão, o segundo trabalho em destaque é um artigo publicado na revista Educar (UFPR) da pesquisadora Rosa Fátima de Souza (2001)⁵, a autora faz uma leitura de uma coleção de fotografias escolares em Campinas/SP de 1897 a 1850, oriundas de acervo público do Centro de Memória da UNICAMP e analisa quatro categorias: a arquitetura escolar, as classes de alunos, o corpo docente e as atividades escolares; assinalando o discurso sobre a escola, os contextos humanos e as relações sociais reveladas pelas imagens, um terceiro trabalho é um artigo publicado por Heron H. Costa e Paulo C. Boni (2012)⁶ onde associados a metodologias de história oral apresentam imbricada relação do futebol amador e a identidade dos bairros de Apucarana/PR, o quarto trabalho de Marcio Oliveira e Giovani Pires (2005)⁷ faz uma reflexão sobre a inserção de meios técnicos de produção de imagens em perspectiva comunicacional e informativa nas ações educativas da Educação Física escolar, o quinto trabalho apresentado por mim⁸ no último regional sudeste do conbrace faz uma análise da produção fotográfica a partir de uma coleção em perspectiva discursiva sobre o tempo de trabalho e de não trabalho em Campinas nas primeiras décadas do século XX. Ainda que as abordagens apresentadas se sustentam em epistemologias e fundamentações teóricas específicas das áreas correspondentes, o debate do fotografar atravessa todos eles. Kossoy (1998)⁹ apresenta um debate sobre as realidades das fotografias, uma segunda *realidade exterior*, a imagem ali impressa, o testemunho passível de identificação e outras são as *realidades interiores*, a realidade primeira, o que não está visível mas que se intui, a trama e as circunstâncias dos fatos e personagens que compõem a imagem e que rompem a relação temporal espacial da fotografia, encontra-se aqui exercício intelectual da observação e análise das fronteiras da memória e da ficção transformando a construção da realidade em um processo. Dubois (2012)¹⁰ apresenta a impossibilidade de olhar para a fotografia “*fora do ato*



que a faz ser”, ou seja algo que não se concebe fora de suas circunstâncias, incluindo nessa construção de “*imagem-ato*”, além da produção, a recepção e contemplação, a fotografia é então uma “*experiência*” de imagem, aproveito para incluir neste debate a preservação e a construção de acervos a partir dessas experiências. Outros tantos trabalhos percorrem os caminhos da produção e consumo da fotografia, sejam diretamente relacionados ou como recursos metodológicos acessórios, dialogam em perspectivas antropológicas, sociológicas, históricas, pedagógicas, e outros campos das ciências sociais. As fontes das imagens transitam dos acervos públicos de memória e históricos, aos acervos pessoais e familiares bem como a própria produção das imagens. Baseado nessa perspectiva dos diferentes usos e possibilidades da fotografia pelos estudos da Educação Física, proponho um estudo preliminar nos documentos do acervo fotográfico do museu da imagem e do som (MIS) de Campinas nas perspectivas da Educação Física. O acervo é composto por 270.000 imagens (negativos em vidros, slides, negativos em filme, papel fotográfico, arquivos digitais), do período de [1864 a 2018], o museu criado em 1975 estabelece três grandes coleções, Coleção Biblioteca Municipal de Campinas (CBMC), Coleção Museu da Imagem (CMIS) e do Som e Coleção Maria Luiza Pinto de Moura (CML), ambas são coleções são constituídas de fotografias produzidas de [1880 a 1940] com destaques a arquitetura e características urbanísticas da cidade de Campinas, bem como os usos da cidade pelas pessoas, a partir da criação do acervo no museu, coleções foram incorporadas, destacam-se algumas coleções que incidem diretamente nas práticas da Educação Física, a Coleção Comissão Central de Esportes de Campinas (CCCE), com registros das décadas de 50 a 70 de práticas esportivas, desfiles cívicos e reuniões políticas e administrativas da comissão, a Coleção Alcides José Barbosa (CAJB) servidor público da limpeza urbana que foi atleta do atletismo nas décadas de 50 e 60, as coleções das gestões públicas, Coleção Prefeitura Municipal de Campinas (CPMC), Coleção Secretaria Municipal de Obras (CSMO), Coleção Biasi (CB), Coleção Henrique de Oliveira Junior (CHOJ), que possuem em seu conjunto registros de práticas esportivas, de lazer e educacionais do período aproximado de [1940 a 1990], as coleções das escolas, Coleção Academia de Comércio São Luiz [1930], Coleção Coordenação de Educação Infantil [1940-1960], entre outras coleções que apresentam registros que remontam a memória da cidade. Por fim, seguindo outros estudos¹¹ podemos concluir que o uso das fotografias pelos estudos dos interesses da Educação Física se constitui possíveis nas mais distintas perspectivas metodológicas e temáticas, cabendo pesquisadores a apropriação dos recursos das instituições arquivísticas e projetos na área.



PESQUISA EM BASQUETE 3X3: DIFICULDADE NO RECRUTAMENTO DE VOLUNTÁRIOS

Autor: Douglas Vinicius Carvalho Brasil

O objeto de estudo da pesquisa que estamos realizando no mestrado é o Basquete 3x3, modalidade que passou a ser desenvolvida em 2007 pela Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), esse esporte foi apresentado pela primeira vez em 2009 nos Jogos Asiáticos da Juventude e a nível mundial nos Jogos Olímpicos da Juventude em 2010. Apesar do pouco tempo de história o Basquete 3x3 já teve sua inclusão nos Jogos Olímpica anunciada, portanto podemos dizer que esta modalidade teve uma rápida ascensão no cenário esportivo mundial. O interesse em pesquisar o tema surgiu a partir das experiências vivenciadas enquanto praticante não apenas deste esporte, mas também de Basquete de Rua e Basquetebol, o que possibilitou identificar a necessidade de compreender melhor a nova modalidade desenvolvida pela FIBA, uma vez que ao longo dos anos nota-se certa confusão envolvendo essas três práticas esportivas. No presente resumo iremos nos ater a refletir a respeito da parte metodológica utilizada na pesquisa que vem sendo realizada.

A pesquisa que origina o presente resumo foi dividida em três partes: revisão bibliográfica e documental; pesquisa de campo, aplicação de questionário (praticantes) e entrevistas (gestores); análise de dados. Aqui iremos apresentar algumas das dificuldades e reflexões relacionadas à coleta de dados, mais especificamente no que diz respeito a conseguir voluntários(as) entre os(as) praticantes.

Inicialmente optamos por trabalhar com praticantes maiores de 18 anos que integrassem equipes que tivessem se classificado para a etapa final e/ou participado de três etapas ou mais de uma competição de Basquete 3x3 que ocorreu na cidade de Campinas. Para encontrar esses sujeitos fizemos um levantamento no site “PLAYFIBA3x3.COM”, após identifica-los, realizamos uma busca no “Facebook” pela página oficial da equipe a qual pertencessem, bem como pela página pessoal dos atletas, aqueles que foram localizados foram convidados a participar da pesquisa pelo “chat” da própria rede social. Posteriormente, aqueles que demonstraram interesse em participar como voluntários(as) da pesquisa foram contatados via e-mail, no qual continha em anexo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como o link para ter acesso ao questionário online a ser respondido.

Foram contatados 17 voluntários via e-mail, dos quais 7 responderam ao questionário, diante deste número de respostas e principalmente pelo fato de que na competição que optamos por trabalhar não termos encontrado dados referente a participação de atletas do gênero feminino que atendessem aos pré-requisitos, o que acabaria por excluir a oportunidade desse público expor seu pensamento acerca do Basquete 3x3, resolvemos em um segundo momento abrir a pesquisa para que todas(os) as(os) atletas maiores de 18 anos pudessem participar da pesquisa. Visando atingir o maior número de praticantes divulgamos a pesquisa e o link de acesso para o questionário e TCLE nas redes sociais (“Facebook” e “Instagram”), apesar de diversas pessoas terem visualizado a publicação e/ou mesmo “curtido” e outras terem ajudado a divulgar a pesquisa, não tivemos nenhum retorno de atletas do gênero feminino e do masculino obtivemos apenas uma resposta a mais.

A partir desses dados fizemos algumas reflexões a respeito do que pode ter contribuído para que tivéssemos esse número de respostas:



- Aplicar o questionário via internet nos possibilita atingir um número maior de indivíduos, porém pode não passar tanta segurança para os participantes que preferiram não respondê-lo. Talvez uma abordagem no “mundo real” pudesse resultar em maior número de questionários respondidos;
- Os(as) praticantes de Basquete 3x3 brasileiros podem não estar familiarizados com a pesquisa científica, o que pode dificultar que reconheçam a importância de sua participação para o desenvolvimento da modalidade.

A partir do apresentado aqui, inferimos que as principais dificuldades encontradas nessa fase da pesquisa está relacionada ao número relativamente baixo de adesão de voluntárias(os), o que poderia ser amenizado optando por outros métodos de coleta de dados e/ou pela conscientização das(os) praticantes de Basquete 3x3 sobre a importância de sua colaboração em pesquisas científicas relacionadas ao esporte, uma vez que sua participação pode contribuir para a compreensão e desenvolvimento da modalidade.



NOTAS SOBRE O CONCEITO E A IDEIA DE EXPERIÊNCIA E A NOÇÃO DE “EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA”: UMA SINGULAR REVISÃO CONCEITUAL

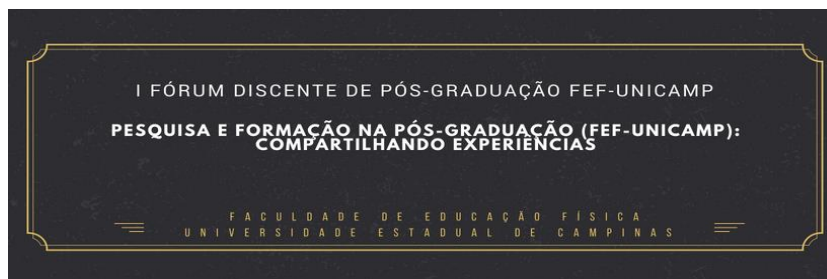
Autor: Gilson Santos Rodrigues

INTRODUÇÃO

No ensino do I Fórum Discente de Pós-Graduação FEF-Unicamp, cujo tema é a “Pesquisa e Formação na Pós-Graduação da FEF/Unicamp: compartilhando experiências”, percebemos a oportunidade de apresentar, debater, discutir e refletir sobre o conceito e ideia de experiência, bem como sobre a noção de experiência compartilhada. Com efeito, este tema permeou a discussão conceitual que apresentamos em nossa dissertação de mestrado e, sendo assim, consideramos importante compartilhar essas ideias com colegas da Pós-Graduação da FEF. Desta maneira, a presente exposição objetiva “explicar sobre a pesquisa bibliográfica atinente ao conceito e ideia de experiência, bem como o percurso conceitual que fora seguido para apresentar nossa singular compreensão da noção de ‘experiência compartilhada’. De nosso ponto de vista, essa discussão e reflexão conceitual pode contribuir com a proposta do Fórum, haja vista uma expressão homônima nomear o evento. Consideramos que o debate proposto pode contribuir com a questão da “falta de socialização entre as áreas de concentração: Educação Física e Sociedade, Biodinâmica do Movimento e Esporte e Atividade Física Adaptada”, apontada pelo Fórum. É possível – temos essa crença –, que este resumo possa encorajar a criação de espaços para a “troca de ideias”, conversas, enfim, para a experiência compartilhada entre os estudantes da FEF. Portanto, o debate sobre a experiência compartilhada justifica-se por alentar a criação desses espaços de integração e conversação.

DA EXPERIÊNCIA À EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA

O percurso de investigação começou por uma revisão da noção de experiência. Notamos que as reflexões sobre a experiência como conceito e ideia, remete-nos à Metafísica de Aristóteles (1984) que a considera uma das etapas para o conhecimento, para a ciência. Ademais, esse tema atravessou as discussões de expoentes pensadores modernos como Kant, Dilthey, Husserl, Benjamin, Gadamer, apenas para citar alguns nomes. Afora estes, outra referência nos estudos sobre a experiência é Larrosa (2016), um dos autores responsáveis por dar visibilidade a essa discussão na área da Educação. Nos estudos sobre a experiência, vários autores denunciam um afastamento do pensamento científico para com a experiência. Para Rodríguez Giménez (2007, p.32) “la noción de experiencia ha sido expropiada por el discurso de la ciencia moderna”. Para ser mais preciso, determinada noção de experiência deixou de coincidir com o discurso científico em favor de outra ou outras conotações. Na verdade, desde Aristóteles, seguindo a tradição platônica, já havia uma desconfiança em relação a experiência por parte da ciência, argumenta Larrosa (2016). Por outro lado, reitera Larrosa (2002, p.28), é na modernidade que o pensamento científico retoma essa noção e a converte “[...] em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência”. Com isso, o pensamento científico converteu a experiência em experimento, controlável, mensurável e analisável, noção muito diferente da imediatez, corporeidade, unicidade e passionalidade que anteriormente a conotava como uma forma de conhecer (sabedoria). A fenomenologia husserliana foi uma das responsáveis por resgatar a subjetividade do conceito de experiência no discurso epistemológico, no início do século XX. Para a fenomenologia a experiência refere-se ao modo consciente pelo qual o sujeito percebe e



se percebe no mundo, em síntese, a experiência é entendida como vivência. Assim, a consciência da vivência é sempre intencional, isto é, o sujeito está direcionado ao acontecimento e à própria vivência. Ademais, esta vivência “[p]ossui características constitutivos, como tempo em que se realiza, impressões, duração, está sempre sendo dirigida para alguma coisa, nunca é estática, há sempre uma relação entre o fenômeno que se mostra e o sujeito que experiencia.” (MARTINS; BICUDO, 1994, p. 76). Com isso, depreendemos que a vivência é subjetiva, transformadora, incerta, singular, irrepitível, passional e finita. Desta maneira, percebemos que nesse conceito de vivência, inscreve-se a dimensão subjetiva e intuitiva da experiência humana, aquilo que o sujeito está intencionalmente direcionado e do qual não consegue falar racionalmente sobre, pois na subjetividade há uma dimensão que escapa à linguagem (comunicação), fato que, todavia, não inviabiliza a sua expressão e inteligibilidade. Assim sendo, a perspectiva fenomenológica pauta-se na possibilidade de salvaguardar a noção de experiência para repensar o discurso do método, sugere Gadamer (1997). Se por um lado os estudos sobre a experiência apontam essa re-valorização da vivência, da experiência e dos saberes da experiência no pensamento científico, por outro lado, há a crítica sobre a pobreza de experiências significativas em nosso cotidiano. Tal crítica é com frequência aludida a Benjamin (2009; 2012) que a declarava como uma característica dos modos de vida nas modernas sociedades capitalistas europeias. Sob o aporte benjaminiano e transpondo suas análises para nosso cotidiano, diversos estudos denunciam uma progressiva perda da capacidade de ser afetado, sensibilizado, de se apaixonar, de se emocionar, enfim, de ter experiências verdadeiras, numa sociedade altamente hiperestimulada como a nossa. De fato, a crítica da pobreza de experiências significativas em nosso cotidiano faz sentido. Para Larrosa (2002) há cada vez mais condicionantes que cancelam a possibilidade de experiências genuínas, são elas: o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho. Para o autor, essas condicionantes culminam por criar um contexto no qual os sujeitos vivenciam muitas coisas, mas que nada lhes acontece, nada lhes afeta, pois “[é] incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.” (LARROSA, 2002, p.25). A solução para a pobreza de experiências verdadeiras é evocada na própria teoria benjaminiana. De fato, para Benjamin a experiência requer a mediação e o acréscimo temporalmente acumulado de coerente e transmissível sabedoria. Portanto, o autor convidanos a repensar as narrativas, as conversações, os contos, a sabedoria popular, entre outras formas de manifestação da sabedoria, como verdadeiras experiências, pois têm o potencial de conectar os sujeitos com o passado, com a história humana, e é nessa conexão que reside a possibilidade de conscientização dos sujeitos. Ainda que originárias de perspectivas diferentes, a saber: a fenomenologia e o materialismo histórico benjaminiano, parece-nos válido a tentativa de integrar numa mesma proposição essas duas dimensões da experiência. Isto posto, consideramos que a vivência (subjetiva) e a sabedoria (intersubjetiva) podem constituir-se numa base para repensarmos os espaços de socialização na FEF/Unicamp. Deste ponto de vista, a experiência pode tornar-se conhecimento por meio da empatia, imaginação e linguagem. Em vista disso, depreendemos que a possibilidade da vivência e sabedoria tornar-se conhecimento permite-nos alentar outros espaços para a experiência na Universidade, um espaço que também valorize as vivências e a sabedoria como formas de conhecimento. Destarte, apresentamos uma noção fundamental para esta exposição que é a ideia de experiência compartilhada. Para este trabalho a noção de experiência parte do pressuposto que a vivência e a sabedoria quando compartilhada são permeadas por uma intencionalidade particular que é a “troca de ideias”, sem



juízos morais e/ou juízos de gosto que *a priori* possa definir uma experiência como boa ou ruim, melhor ou pior, inovadora ou reacionária. Isto não significa que as experiências relatadas não possam ser problematizadas por quem vivencia outras realidades e busque pela experiência do outro refletir suas próprias experiências. Em síntese, a experiência compartilhada é uma oportunidade para outros conhecerem aquilo que realizamos, como realizamos e sob quais circunstâncias é realizado.

CONSIDERAÇÕES

Este resumo não anuncia soluções nem apresenta receitas, ao invés, compartilha um debate que pode encorajar a ação de outros que de igual modo almejam uma Universidade mais atenta à diversidade de ideias, divergência de opiniões e a pluralidade de conhecimentos. A partir da troca de experiências é possível refletir nosso papel discente na Universidade, não como uma exigência externa aos próprios estudantes, pelo contrário, com base na experiência compartilhada a reflexão torna-se uma “exigência” dos próprios discentes. Pautamo-nos em Caramês (2014), para quem as trocas de experiências devem ser pautadas na reciprocidade das experiências vividas e na agregação de vivências e saberes anteriores ao momento vivido. Assim, há nesse modo singular de conceber a experiência compartilhada, a intencionalidade que se caracteriza pela confluência de um duplo movimento, em primeiro lugar, daquele que expressa suas vivências e compartilha sua sabedoria e, em segundo lugar, o movimento de interlocução, de quem mediado pela empatia, linguagem e imaginação reaviva a experiência relatada. Por fim, ressaltamos que a experiência compartilhada é uma tentativa de engendrar a criação de espaços de conversas, diálogos, enfim, lugar de “trocas de experiências” discentes, para juntos continuarmos aprendendo a estudar e a pesquisar, incorporando outros saberes e conhecimentos.



MODELO SPLISS: CONCEITOS, APLICAÇÕES E POSSIBILIDADES

Autoras: Júlia Barreira e Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima

O sucesso esportivo internacional recebeu grande atenção de diferentes governos nacionais nas últimas décadas. Os governantes passaram a utilizar o esporte de elite como uma ferramenta para atingir objetivos “não esportivos”, como aumento do orgulho nacional, da inspiração e sensação de bem-estar da nação, do prestígio diplomático e do desenvolvimento socioeconômico do país (GRIX; CARMICHAEL, 2012). Esse cenário gerou crescente atenção de pesquisadores da área da gestão esportiva com o objetivo de identificar fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional. Um dos modelos mais inclusivos em termo de políticas esportivas que influenciam o sucesso esportivo é o *Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success (SPLISS)*. O modelo foi desenvolvido por um consórcio liderado pela professora Veerle De Bosscher a partir de uma ampla revisão de literatura e da opinião dos principais envolvidos com o esporte de alto rendimento (atletas, treinadores e dirigentes esportivos) (DE BOSSCHER et al., 2006).

O modelo SPLISS é centrado na formação do atleta de elite e composto por nove pilares, correspondentes a áreas políticas, que podem influenciar o sucesso esportivo internacional. O suporte financeiro (pilar 1) é a entrada do modelo dado que o financiamento é fundamental para que os atletas treinem em circunstâncias ideais (DE BOSSCHER et al., 2009). A estrutura organizacional (pilar 2) é fundamental para gerir todos os recursos necessários no desenvolvimento do atleta. A formação do atleta é composta por três etapas sequenciais: a iniciação esportiva (pilar 3), o desenvolvimento do talento esportivo (pilar 4) e a carreira esportiva e pós-esportiva (pilar 5). Os demais pilares são considerados processos necessários para que o atleta seja bem-sucedido em todas as fases da sua formação: instalações esportivas para o treinamento (pilar 6), programas de desenvolvimento de treinadores (pilar 7), participação em competições nacionais e internacionais (pilar 8) e aplicação do conhecimento científico no campo prático (pilar 9).

Os autores reconhecem que o modelo proposto tem como foco o esporte em geral, e que fatores específicos podem ter maior ou menor grau de importância de acordo com cada modalidade esportiva. Portanto, sua utilização em modalidades específicas exige validação e adaptação (DE BOSSCHER et al., 2009). Diversos estudos internacionais foram conduzidos nos últimos cinco anos com o objetivo de validar o modelo e analisar as políticas esportivas para o desenvolvimento de esportes individuais, como atletismo (TRUYENS et al., 2014), canoagem (SOTIRIADOU; GOWTHORP; DE BOSSCHER, 2014), tênis (BROUWERS; SOTIRIADOU; DE BOSSCHER, 2015) e judô (MAZZEI, 2015). Da mesma forma, o modelo inicialmente foi proposto para analisar políticas esportivas em nível nacional, mas nos últimos anos já foi aplicado em nível municipal e regional (DE BOSSCHER et al., 2016).

A partir dessa ampla possibilidade de utilização do modelo SPLISS para modalidades e níveis específicos é que se desenvolvem dois trabalhos de doutorado na Faculdade de Educação Física (FEF) da UNICAMP. O primeiro trabalho tem como objetivo investigar os fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional da Ginástica Artística Feminina brasileira. Esse estudo avança com o conhecimento ao promover o debate sobre o desenvolvimento da



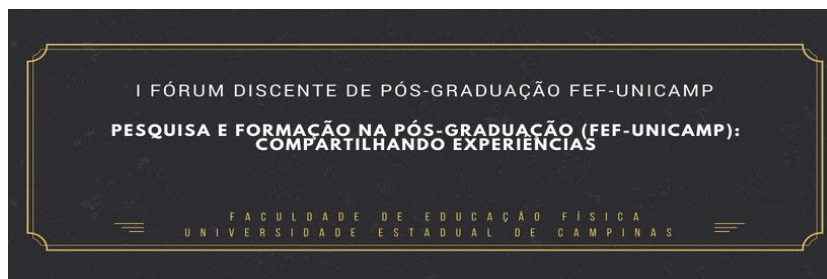
Ginástica Artística no campo da gestão esportiva – modalidade pouco explorada nessa área de estudo, e ao identificar fatores que



podem ser desenvolvidos por gestores nacionais na formação de atletas de elite. Além disso, é importante lembrar que a Ginástica Artística Feminina pode gerar até 11 medalhas para uma nação em Jogos Olímpicos, o que reforça seu potencial de investimento por parte de governos nacionais.

O segundo trabalho tem como objetivo analisar os programas, políticas e stakeholders esportivos envolvidos no processo de desenvolvimento do futebol feminino. Até o presente momento, não encontramos nenhum estudo que tenha validado ou utilizado o modelo para analisar as políticas esportivas para o desenvolvimento de modalidades coletivas. Essa lacuna científica reforça o ineditismo desse trabalho. Além disso, o estudo avança com o conhecimento ao utilizar o modelo SPLISS para analisar os programas, políticas e stakeholders em diferentes níveis esportivos: continental, nacional e local.

Esse resumo, e conseqüentemente sua apresentação, tem como objetivo apresentar o modelo SPLISS aos pós-graduandos da FEF e mostrar como dois trabalhos de doutorados realizados na faculdade geram novas possibilidades de aplicação e validação do modelo. Da mesma forma, essa apresentação reforça a importância do diálogo e da interação entre os alunos e alunas das diferentes áreas de pós-graduação da FEF. Apesar das autoras serem de áreas de concentração distintas, a parceria estabelecida entre as pós-graduandas possibilita uma rica troca de experiências e um grande aprendizado de ambas as partes. Por fim, contamos com a colaboração dos demais pós-graduandos da FEF para discutir outras possibilidades de referenciais teóricos no estudo de políticas esportivas.



GINÁSTICA NO CEARÁ: RETRATOS DAS DESCONTINUIDADES E POSSIBILIDADES

Autora: Kássia Mitally da Costa Carvalho

Este resumo trata-se da pesquisa de uma pesquisa mestrado em andamento da linha de pesquisa “Mapeamento da Ginástica no Brasil”, desenvolvido pela pesquisadora-autora e orientando pela professora Dra^a Laurita Marconi Schiavon, ambas pertencente ao Grupo de Pesquisa em Ginástica da FEF-Unicamp. O objetivo desta linha é mapear as práticas Gímnicas no Brasil a fim de analisar suas características, representatividade, formação de atletas e treinadores bem como outros fatores ligados a ela. A partir da revisão bibliográfica, observamos que os estudos sobre formação de atletas encontram-se ainda em caráter inicial no Brasil, e concentra-se na Região Sudeste do país (SCHIAVON, 2009; ANTUALPA 2011; LIMA; 2016). Quanto às pesquisas realizadas no Nordeste, e mais especificamente na realidade a ser estudada, o Ceará, estas estão ligadas, em sua maioria, à Ginástica para Todos e tratam que questões pedagógicas (no contexto universitário e aplicações nas escolas), relatos de experiência e perspectivas sociais e histórias da mesma. Assim, esta pesquisa de caráter inédito trata do mapeamento das Ginásticas reconhecidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) desenvolvidas no Estado do Ceará como ponto de partida para se conhecer a realidade do Nordeste com relação à Ginástica. Para tal, aliamos a pesquisa documental (GIL 2002) à pesquisa de campo (MARCONI; LAKATOS, 2016). A pesquisa documental teve como fonte documentos da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG); Federação Cearense das Ginásticas (FCG) e dois dos jornais de maior circulação do Estado do Ceará. Já na pesquisa de campo entrevistamos os presidentes da FCG desde sua fundação até a atualidade os quais podiam indicar “pessoas de referência” no desenvolvimento da Ginástica no Estado. Ao todo, foram entrevistados 9 participantes entre dirigentes, treinadores, árbitros e atletas. A análise inicial aponta algumas nuances dessas práticas no Ceará os quais traremos a seguir, lembrando que as análises não foram finalizadas ainda. Os jornais delineiam caminhos históricos das modalidades, relevam ausências e apontam para um período de valorização da Ginástica pela sociedade Cearense, o que contrapõe com a descontinuidade das notícias a respeito da mesma na atualidade. Já os documentos dos órgãos reguladores (CBG e FCG) apontam para progressos principalmente nas modalidades competitivas. É necessário que todas as análises da pesquisa de campo estejam completas para obtermos o diagnóstico e o cenário das Ginásticas atualmente, porém as análises em progresso parecem apontar a Ginástica como uma prática elitizada, concentrada na capital cearense. Esperamos com este estudo fornecer possibilidades de ação para pesquisadores, treinadores e dirigentes das secretárias municipais e estaduais a fim de que estes possam identificar as dificuldades e possibilidades para o desenvolvimento da Ginástica nesta sociedade, uma vez que o interesse pela prática tem se mostrado crescente e espaços públicos, como o Centro de Formação Olímpica Norte-Nordeste, localizado na capital cearense, equipados para o desenvolvimento de várias práticas esportivas, dentre elas a Ginástica,



permanecem a espera de projetos esportivos.

PARA ALÉM DA DICOTOMIA “TEORIA E PRÁTICA”

Autoras: Marina Boscarior e Máisa Ferreira

Inspiradas pela cartografia como operador metodológico, como proposto por Rolnik (2016), e mobilizando arcações teóricas de matizes pós-estruturalista, este texto apresenta o intuito de discutir a coexistência de teoria e prática como noções de um mesmo plano. Quando levamos o debate para o campo das multiplicidades e entendemos a construção das realidades a partir de um plano movente de forças não faz mais sentido pensar a dicotomia “teoria e prática”, se não, no movimento de compreender de que forma isso se constitui dentro do projeto de sociedade moderna. Desse modo, este texto trabalha com Foucault e com a cartografia no intuito de demonstrar que a prática se dissolve nas relações estabelecidas nos diferentes planos sendo impensável dissociá-la dos processos de construção dos meios, das realidades.

A fim de transgredir a dicotomia teoria/prática, no esforço de pensar para além das imagens de pensamento¹, localizamos primeiro a noção de conhecimento que utilizamos. Pensamos a produção de um conhecimento pautada na perspectiva de um sujeito, assim, amparadas pelas filosofias da diferença francesa² entendemos que nas multiplicidades – compreende vários sujeitos, assim, várias perspectivas de conhecimento – mais representadas estarão as diferentes visões de mundo, mais aparentes estarão as tensões que produzem determinados tipos de conhecimento e mais objetivo será o conhecimento produzido.

1 Deleuze (1988) coloca que pensamos a partir de imagens de pensamento, pois pensar precede o ato de dar nome às coisas. Pensar além das imagens implica problematizar, sair do lugar comum, nas imagens do pensamento não há problemas a serem pensados.

2 Inspirada na filosofia de Nietzsche – afirmação do múltiplo que leva ao perspectivismo alguns dos filósofos que representam as filosofias da diferença francesa são: Lyotard, Derrida, Deleuze e Foucault.

Foucault (2008) opta pela noção de saber, não como aquilo que é verdadeiro, mas como um conjunto de condutas percebidas nos discursos, para o autor não há ciência sem saber, mas há saber além da ciência, sendo esta uma forma restrita e específica de saber. A partir disso, entendemos o conhecer como um processo, modificado constantemente por meio da intervenção de vetores forças que atuam em determinado plano. Assim, enxergamos o plano da pesquisa, inspiradas pela cartografia, constituído não pela descoberta, descrição e classificação de determinado objeto, mas sim, pelo acompanhamento de um processo que o constitui, meio aos efeitos produzidos pelas forças discursivas que atuam diretamente sobre ele. Nesse sentido, entendemos a pesquisa como prática de intervenção e, ao mesmo tempo, a prática de intervenção como peça chave que constitui o campo da pesquisa (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015).

Escócia e Tedesco (2015) discutem a construção de determinada realidade a partir de dois planos, o plano das formas que é o plano instituído, referente a figuras já estabilizadas e o plano das forças que atravessam o plano das formas assegurando as multiplicidades e construindo a realidade. A cartografia, enquanto operador metodológico de pesquisa, investiga as formas, por meio, também, do acompanhamento dos processos suscitados pelo plano das forças. E ao cartógrafo(a) cabe conhecer essa realidade a partir do processo de constante produção da mesma atuando na transformação dessa realidade estudada. O que não é isso se



não ao que cabe ao professor(a)? Bonetto (2016) afirma que no processo pedagógico considera-se o professor como elaborador de uma “escrita-currículo” e não apenas instrumento de aplicação de um conjunto de teorias. As aulas são produzidas dentro de forças infinitas, como por exemplo, leis educacionais, regras e normas do regimento escolar, projeto político pedagógico, a concepção, no caso aqui, de Educação Física e seus procedimentos didáticos, a cultura dos alunos, seus desejos, suas falas, as disposições do espaço escolar, entre outros. O que é isso, se não uma experiência cartográfica de pesquisa-intervenção?

Posicionamo-nos na direção de Neira e Nunes (2009) para pensar a Educação Física Escolar, os autores trazem para debate a perspectiva do currículo cultural que tem como campo de sustentação os Estudos Culturais. Este campo teórico rejeita desvencilhar a política do poder no processo de constituição da realidade. Desse modo os encaminhamentos didáticos presentes na proposta do currículo cultural da Educação Física pautam-se em princípios éticos- políticos que orientam o processo pedagógico e escancaram o plano das forças que constituem as manifestações da cultura corporal presentes no contexto social dos discentes das escolas em questão.

Entendemos que nessa perspectiva, docentes e discentes expõe-se aos planos de construção da realidade como forma de compreender principalmente os movimentos de produção do que é dito e não dito sobre as práticas da cultura corporal estudadas. Para que assim visualize-se a capacidade produtiva do poder e a potência de transformação exercida pelos sujeitos pertencentes a determinados planos.

Em Foucault, prática estende-se nos domínios do saber (episteme) e do poder (dispositivo) sendo ela um conjunto de regras determinadas em tempos e espaços específicos e que integram práticas discursivas e não discursivas. “Podemos dizer que Foucault entende por práticas a racionalidade ou a regularidade que organiza o que os homens fazem [...], que têm caráter sistemático (saber, poder, ética) e geral (recorrente) e, por isso, constituem uma “experiência” ou um “pensamento”” (CASTRO, 2016, p. 338). Nesse sentido dar aula/pesquisar constituem-se práticas quando pensamos na dimensão de constante movimento a qual estão expostas – plano de forças – o que demonstra uma não legitimidade intrínseca das formas de poder que atuam na construção das realidades, mas uma legitimidade que também se constrói por meio de intervenção.

Por fim, defendemos aqui uma noção de prática que transgrida a aplicação de um conhecimento e optamos por tratar a teoria a partir da noção de saber em Foucault. Para assim voltarmos a outros debates que reconheçam as forças moventes que constroem a realidade compreendendo a atividade de dar aula, no caso aqui na escola, como uma atividade que não atue na esfera do “como fazer?”. Mas que problematize a construção do conhecimento para que ao compreendermos os processos de significação possamos atuar na produção de outras formas de poder.



A GRANDE IMPRENSA COMO FONTE NOS ESTUDOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS, REFLEXÕES, POSSIBILIDADES

Autores: Samuel Ribeiro dos Santos Neto e Igor Cavalcante Doi

Os estudos históricos têm se desenvolvido de modo relativamente consistente dentro do campo acadêmico da Educação Física brasileira. Incluem-se nesse rol estudos de história da Educação Física, história da ginástica, história do esporte, história do lazer e história das práticas corporais, além de outras categorias como história do corpo, história das sensibilidades e emoções, história da saúde e da Medicina, etc. Uma das expressões institucionais do desenvolvimento dessas pesquisas é a organização periódica do Congresso Brasileiro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física (CHELEF), cuja primeira edição ocorreu em 1993, bem como a especificação de um grupo de trabalhos temáticos (GTT) no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) a partir de 2005, denominado Memórias da Educação Física e Esporte. Esse processo de fortalecimento dos estudos históricos veio acompanhando de um maior rigor teórico e metodológico nas pesquisas, isto é, de uma apropriação mais precisa dos procedimentos adotados na historiografia. Nesse sentido, destacamos aqui o cuidado na constituição, na crítica e na interpretação das fontes de pesquisa. Como aponta Marc Bloch (2001) em texto clássico, toda fonte é um testemunho do passado, um vestígio que sobreviveu à ação do tempo. A fonte não expressa uma verdade absoluta sobre o real, devendo sempre ser lida como um produto de relações sociais sempre parciais e interessadas. Não restringe-se a documentos oficiais de governo, nem tampouco aos documentos escritos, mas diz respeito a tudo aquilo que as mãos humanas produzem no tempo: fotografias, roupas, correspondências, obras de arte, filmes, relatos orais, enfim, tudo aquilo que marca a experiência humana no mundo. Por fim, a fonte torna-se propriamente fonte por meio da interpelação crítica do pesquisador: o historiador produz ou, melhor, constitui suas fontes através de sua pergunta de pesquisa. Desde a primeira metade do século XX, com os trabalhos da Escola dos Annales, a historiografia passou por um processo de ampliação não apenas dos tipos de fontes utilizadas, mas também dos temas e dos problemas de pesquisa. Contemporaneamente estamos, como aponta Peter Burke (2005), “a caminho de uma história cultural de tudo: sonhos, comida, emoções, viagem, memória, gesto, humor, exames e assim por diante” (p. 10). De modo amplo, essa amplitude teórica, metodológica e temática pode ser vista como um fator para expansão dos estudos históricos em Educação Física e, também, como uma importante influência em sua conformação interna, pois muitos estudos do campo aproximam-se dos acúmulos e debates da história cultural. Essa maior flexibilidade, contudo, tanto na História como na Educação Física, apresenta pontos de rigidez que se afirmaram na história interna dos campos. Um desses pontos é a suspeição colocada sobre o uso da imprensa e, notadamente, da grande imprensa (jornais de ampla circulação) como fonte de pesquisa. Como nos aponta Luca (2015), alguns historiadores veem a imprensa como fonte não confiável, ainda presos a uma perspectiva de que existam fontes mais ou menos puras, mais ou menos verdadeiras. Já em Bloch (2001), nos anos 1940, entendia-se que toda fonte é verdadeira: mesmo uma mentira é um testemunho do passado. Qualquer fonte é permeada por intencionalidades, valores morais, interesses políticos e econômicos, entre outros. Assim, o cuidado metodológico com a utilização de um grande jornal como fonte é aquele que devemos ter em relação a qualquer outra fonte, como um documento de governo ou um diário de viagem.



No presente trabalho, temos o objetivo de debater o uso da grande imprensa como fonte de pesquisa a partir de duas dimensões presentes em seus conteúdos: as práticas e as representações. Autores como Chartier (2002) e De Certeau (2014) destacam que práticas e representações estão sempre em situação dinâmica de codeterminação, sendo indissociáveis. Como afirmou Marcel Mauss (1999), não há prática que não seja representada e nem representação que não se manifeste em práticas. Para que se entenda melhor esses termos, arriscaremos explicar deste modo: “prática” é aquilo que se faz, na maneira como se faz, enquanto a “representação” é aquilo que a prática “representa” – seus valores, seus ideais subjacentes, as crenças que permeiam o ato. Os agentes históricos, portanto, apropriam-se das representações que circulam em seu meio e expressam essa apropriação em formas próprias de fazeres cotidianos, pondo a circular novos elementos no espaço simbólico de lutas entre representações. Tendo isso em mente, fazemos aqui uma divisão meramente didática entre os dois elementos. Do ponto de vista das práticas, os jornais oferecem uma gama de informações pontuais que servem como indícios do cotidiano de um período: o quê, quando, com que frequência, quem, onde, etc. No caso dos estudos históricos em Educação Física, nos interessam alguns elementos específicos desse cotidiano, como atividades esportivas, divertimentos e práticas de cura. Sobre essas diferentes práticas, os jornais também oferecem elaborações discursivas mais complexas, notadamente em colunas, crônicas, reportagens e mesmo em estratégias publicitárias. Acessamos, desse modo, diferentes representações sobre os temas que são de nosso interesse. Por fim, há de se destacar um terceiro elemento no uso da grande imprensa como fonte: os silêncios, as lacunas. A pesquisa histórica pode interpretar também aquilo que está ausente da fonte, sendo isso também um depoimento que obtemos do passado por meio de nossa pergunta. Os jornais são, portanto, fontes que podem ser mobilizadas em diversas pesquisas. No contexto brasileiro, o acesso a elas é facilitado pela existência de acervos digitalizados, como é o caso da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹, onde podemos acessar milhares de edições de periódicos de vários períodos e regiões do Brasil. Em nossos estudos recentes, recorreremos à hemeroteca para constituir nossas fontes, trabalhando de maneira proveitosa os seguintes temas de pesquisa: a negociação de identidades nacionais entre grupos imigrantes de São Paulo, nos anos 1930, por meio do esporte e do associativismo esportivo; a presença do discurso esportivo em disputas jurídicas e na repressão policial a casas paulistanas de jogos de azar, também nos anos 1930; e as representações sobre as práticas educativas e os divertimentos junto à natureza na São Paulo dos anos 1920. Diversos veículos de imprensa passaram por nossa interpretação, como os tradicionais *Correio Paulistano*, *Correio de S. Paulo*, *A Gazeta* e *O Estado de S. Paulo*, além do jornal imigrante *Il Pasquino Coloniale*. O trabalho com esses periódicos coletados de acervo eletrônico sempre nos instiga questões metodológicas de como proceder com a busca, a seleção, a coleta, a leitura e a apresentação desse material empírico. Destaca-se que é importante haver clareza no modo como se procede, para que a comunidade científica possa ter as informações necessárias para acompanhar a formulação das respostas produzidas. A transparência metodológica é uma discussão que deve ser fomentada no âmbito dessas pesquisas. Outro cuidado necessário é o de não se extrapolar as representações dos jornais para toda a sociedade, afinal, essas folhas não apenas transcrevem o cotidiano social, mas também lutam para fazer prevalecer sobre ele uma visão de mundo. Aquilo que o periódico discursivo está imerso numa disputa constante de representações, na qual cada agente ou cada grupo se esforça por fazer prevalecer a sua própria. De modo amplo, a percepção de nossa experiência de pesquisa sugere que o uso da grande imprensa como fonte oferece muitas potencialidades no campo da Educação Física. Como



qualquer outra fonte, a imprensa exige cuidados metodológicos e crítica constante. A princípio, observamos três principais vantagens no uso dos jornais. Primeiro, pudemos acessar representações que circulavam de modo não especializado em grandes públicos, diferentemente de outras documentações, como manuais pedagógicos, atas de clubes ou legislações. Segundo, os jornais têm o potencial de conter vestígios de práticas cotidianas, 1 Disponível em < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> >, acesso em 14/09/2018. muitas vezes silenciadas em fontes mais oficiais. Por último, olhar para o jornal nos dá indícios sobre as representações de mundo defendidas pelo grupo dos comunicadores e também, possivelmente, dos grupos sociais aos quais eles mesmos estão vinculados. De modo geral, portanto, consideramos a grande imprensa como uma importante fonte nos estudos históricos em Educação Física.



O FATOR COPA DO MUNDO NO PROJETO POLÍTICO DE PAÍS

Autora: Simone Gonçalves de Paiva

No decorrer dos anos, observou-se uma verdadeira metamorfose do esporte: se antes era uma prática destinada à saúde, ao lazer e à competição esportiva, hoje se insere em um arcabouço muito mais mercadológico. Dentro desse contexto, o futebol se apresenta como um dos maiores símbolos dessa mudança; e, com ele, a Copa do Mundo se ressignifica. Antes uma competição esportiva, hoje um produto de potencial lucrativo inimaginável. Desde seu surgimento, o futebol é utilizado como instrumento político (em vários casos, mesmo uma forma de controle) e, fortemente, como uso de exposição mundial. Ainda que essas características permaneçam presentes, os megaeventos se tornaram muito mais desejáveis e atraentes devido à sua capacidade de captar e atrair investimentos. A partir dessa ótica, o objetivo desse trabalho é investigar e analisar como a Copa do Mundo se inseriu dentro do projeto político dos governos e qual foi o papel dela na construção de país. Dada a importância que os megaeventos ganharam para as decisões políticas dos Estados, seu estudo se torna essencial. Para isso, foi realizada uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, procurando identificar e avaliar as políticas públicas esportivas e o contexto para a realização dessas competições. Esse levantamento foi realizado por meio da análise dos relatórios oficiais das Copas, do governo e dos jornais *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, selecionados por serem de grande circulação e estarem presentes dentro do recorte de tempo a ser estudado. São dois os recortes: de junho de 1949 a junho de 1950 e de junho de 2007 a junho de 2014. Pesquisar a partir deste intervalo de tempo possibilita analisar as mudanças pelas quais os megaeventos passaram. Destarte, investigar como essa relação entre esporte e política se constrói e se realiza tornou-se um ponto cabal para compreender o novo modelo de esporte e como ambos se influenciam.



OS DESAFIOS DA ENTREVISTA VIA SKYPE COMO FERRAMENTA PARA COLETA DE DADOS EM PESQUISAS ACADÊMICAS

Autora: Tabata Larissa Almeida Kikuti

Este trabalho é parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida e tem o intuito de relatar os desafios encontrados durante a utilização de entrevistas semiestruturadas via *Skype* (JANGHORBAN et al, 2014) com sujeitos que se encontram em outros países, levando em consideração que o deslocamento para cada país relacionado nesta pesquisa é inviável dentro do atual cenário político e econômico nacional.

Entrevistamos personagens que possuem uma perspectiva distinta da manifestação gímnica estudada, objeto desta pesquisa, a Ginástica Rítmica Masculina (GRM), pois acompanharam o esporte em gerações diferentes, bem como apresentam olhares diferentes sobre a prática. Para esse fim, optamos pela entrevista semiestruturada por ser a forma mais apropriada de “prestação de informações ou de opiniões sobre determinada temática, feita de forma oral, pelo entrevistado” (TRIVIÑOS, NETO, 2010, p. 76), o que, segundo o autor, permite que um vínculo diferenciado seja criado entre o entrevistado e o entrevistador, para haver maior profundidade nas perguntas e respostas, seguindo-se um roteiro norteador previamente elaborado.

Os participantes da pesquisa incluem ginastas da modalidade, professores universitários e treinadores ativos e não ativos em diversos países (Brasil, Espanha e Japão). A escolha dos países pautou-se na abertura já existente para tais discussões, como observado em artigos encontrados sobre a GRM durante a pesquisa de revisão bibliográfica. Como critério de inclusão, os participantes deveriam ter mais de 18 anos e apresentar conhecimento referente ao objeto de estudo, seja academicamente, como treinador ou atleta.

Exatamente por se tratar de uma pesquisa que ultrapassa as fronteiras brasileiras e atinge outros dois continentes, optamos pela utilização do *software Skype* para proceder com as entrevistas. Para Janghorban et al (2014, p.01) “a entrevista on-line superou as restrições financeiras e de tempo, dispersão geográfica e limites de mobilidade física”. A utilização de uma ferramenta online também pode ser vista como um incentivo para os participantes a serem entrevistados que possuem limitações de lugar e tempo para a entrevista presencial, de forma a facilitar sua participação na pesquisa, sendo considerada, então, mais conveniente para os participantes (JANGHORBAN et al, 2014).

A seleção dos entrevistados funcionou da mesma maneira que na entrevista face-a-face. O contato inicial foi realizado por e-mail e redes sociais como o *Facebook*. Após o primeiro contato e apresentação da pesquisa, a data para a entrevista foi agendada e a confirmação via e-mail foi enviada aos participantes, junto com o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp- Campinas que foi assinado pelos entrevistados. Segundo Janghorban et al (2014, p.02), nos casos de entrevista via *Skype*, as questões éticas são consideradas iguais às entrevistas presenciais e on-line. Os pesquisadores devem obter o consentimento informado em linha, e-mail ou formulários publicados e todos os participantes estão plenamente conscientes das gravações de áudio ou vídeo.

As entrevistas podem ser gravadas por um gravador separado ou *software* de gravação baseado em computador e depois transcritas. Para a gravação dos áudios da entrevista piloto



online utilizamos o *software Free Video Call Recorder for Skype* que grava e armazena as vídeo-chamadas em forma de áudio. Após as entrevistas, o áudio deveria ser transcrito e as gravações revisadas com as transcrições, para que essas fossem fidedignas ao áudio original (BERTRAND e BOURDEAU, 2010). Pelas limitações que, especialmente, os falantes de língua japonesa ofereceram nas entrevistas em inglês, decidimos realizar mais de uma entrevista com os sujeitos quando fosse necessário. Com isso, conseguiríamos responder as dúvidas que poderiam surgir durante a elaboração do texto e que somente os participantes poderiam auxiliar com as respostas.

Como desafios encontrados durante as entrevistas realizadas até o presente momento, destacamos: (1) a dificuldade de selecionar um ambiente adequado para a entrevista pois este poderia afetar a concentração de entrevistados e pesquisadores, e afetar, assim, a coleta de dados, sendo a escolha do local de suma importância; (2) a falha da conexão com vídeo pode acontecer e fazer com que a entrevista se torne menos fluida; (3) optar pela entrevista sem vídeo, somente com áudio, prejudica um pouco a compreensão do que se está sendo dito e, com isso, o pesquisador tende a interromper mais os sujeitos por não haver certeza do término de sua resposta; (4) ao utilizar o software de gravação, percebemos que não podemos utilizar um segundo gravador externo, pois a entrevista deve ser realizada com fones de ouvido ou pode gerar eco; (5) sentimos falta da ligação entre entrevistado e pesquisador que costuma acontecer nas entrevistas que são realizadas pessoalmente.

Apesar de todos os cuidados que se deve tomar ao utilizar esse método, pesquisas como esta não seriam possíveis sem essa ferramenta. Ao estudarmos um fenômeno como a GRM, praticada de diferentes formas em diferentes países, sentimos a necessidade de adentrar em cada cultura e entender melhor quais os processos e vias que tornaram possíveis essas práticas. Ademais, até o presente momento, quatro entrevistas foram realizadas e os objetivos propostos pela utilização das entrevistas semiestruturadas foram atingidos, sendo então, um método de extrema utilidade para esta pesquisa.